

Ivete Lara Camargos Walty  
Maria Helena Rabelo Campos

SEM NOME

RESUMO

*Partindo da análise de textos de diversos sistemas semióticos, que têm no menor abandonado sua recorrência temática, esse ensaio busca configurar o espaço do marginal tanto nas representações sociais quanto nos sistemas simbólicos.*

RÉSUMÉ

*A partir de l'analyse de textes de systèmes sémiotiques divers dont la récurrence thématique est celle de l'enfant abandonné, cet essai prétend cerner l'espace du marginal, tant dans les représentations sociales que dans les systèmes symboliques.*

Bens de consumo, instituições sociais sagradas e profanas, obras de arte, novelas de TV, filmes e peças musicais de Pelês a pivetes, a sociedade os produz a todos. A nós, sacraliza; a outros, sacrifica expiando/ocultando suas próprias culpas a fim de garantir a ordem e a paz social.

A partir da compreensão dessas diversas mensagens como produtos sociais nos quais a sociedade se inscreve e se revela, analisaremos quatro tipos de textos pertencentes a sistemas semióticos diferentes, todos eles com um traço comum: o menor abandonado.

Ocupando ruas e avenidas, pedra no sapato de uma sociedade que, indiferente às causas reais, segue à "procura" de soluções, este ser marginal, criança emancipada de sua infância à força dos conflitos sociais, ganha espaço na arte. Com efeito, nossos textos são "Pivete" (letra e música de Francis Hime e Chico Buarque); Pivete, livro infanto-juvenil de Henry Corrêa de Araújo, Pixote (filme de Hector Babenco a partir do romance Infância dos mortos de José Louzeiro) e dois anúncios de instituições de amparo ao menor abandonado.<sup>1</sup>

Procuraremos também analisar os processos através dos quais o sentido se produz. Tais processos fazem com que os fatos da vida cotidiana se descolem de sua rotina e ganhem relevo ante os olhos adormecidos dos transeuntes. Para isso, a arte joga com os signos, estabelece relações novas, cria novos contextos e permite a emergência de novas significações.

O receptor é agente importante nesse processo, pois é

através dele que se estabelece a relação texto/contexto possibilitando o surgimento do sentido. É ele que responderá positivamente ao movimento retórico, persuasivo, das formações textuais, ou desvelará o sentido a elas subjacente. Ele é, não sem razão, co-autor. Assim somos nós, leitoras-autoras, assim é você, nosso leitor-autor.

### Na contramão da vida social

Como dissemos, a sociedade fabrica quer seus heróis, quer seus bandidos. Aos primeiros, glorifica; aos segundos, marginaliza, pune, elimina. Bandidos e heróis ocupam assim, na superfície da vida social, espaços bem demarcados. Entretanto, herói e anti-herói são conceitos relativos, como quaisquer outros. Só podemos falar de um ou outro em relação a algum sistema de valores e idéias, a partir de um horizonte definido.

Tradicionalmente, a palavra herói se liga à idéia de nobreza, força, coragem, espírito elevado, dedicação. O herói se marca pelos seus feitos, geralmente, em benefício de um grupo, de uma comunidade e nunca em proveito próprio. Nesse sentido, anti-herói seria aquele que lutasse em causa própria, sem arroubos de coragem. Foi baseado em tais parâmetros que o pícaro classificou-se como o primeiro anti-herói da literatura. Andarilho, mandrião, oriundo da classe baixa, lutando por sua própria sobrevivência, ele é o avesso do tradicional herói mítico ou trágico.

Aos mecanismos de controle social interessam as compartimentações, os espaços definidos, os seres devidamente classificados. Os critérios são os do grupo que detém o poder que, num processo de dominação, considera como de todos, os interesses de uma minoria. Um novo elemento, de fundamental importância, sur-

ge no exame do conceito de herói: a ideologia. Assim, herói é quem defende os interesses e os valores da ideologia dominante: o mártir, que lutou por uma causa, mais cedo ou mais tarde, vencedora, o soldado que se destacou na guerra, o policial que enfrenta e vence o bandido. A quem contesta, questiona os valores estabelecidos ou rompe com as regras do jogo, é reservado o rótulo de anti-herói. Em nenhuma dessas classificações se verifica o questionamento dos próprios critérios que as informam ou das estruturas que as engendram. Essa superficialidade faz parte dos mecanismos da ideologia, voltados a estratégias de poder que visam à manutenção do status quo, permitindo, quando muito, movimentos aparentes que não comprometem visceralmente sua base, mas satisfazem o senso-comum. Fora desse jogo, entretanto, a vida pulula diversidade e contradição.

A letra da canção de Hime e Buarque lê as contradições sociais e, por um processo de produção de sentido que passamos a analisar, faz com que elas emergem diante de nossos olhos.

Anti-herói, por excelência, aos olhos do observador comum, o pivete, ser contraditório e ambíguo a circular tanto nos espaços marginais quanto sagrados da vida da sociedade, surge no texto, como produto dos conflitos sociais. Na divisão dos espaços sociais, o pivete ocupa o da marginalidade. Carente de quem dele se ocupe e lhe garanta a vida própria da infância, desenvolve uma atividade econômica marginal. É aquele que, "no sinal fechado", "vende chicletes", "capricha na flanela", "batalha algum trocado", enfim. Marginal também é seu espaço geográfico: a "boca", a "sargeta". Socialmente, ele compromete o discurso do poder sobre assistência à infância e justiça social. É ameaça de agressão, assalto, violência.

No entanto, paradoxalmente, sua imagem compõe-se dos reta-

lhos da dos heróis sociais: ele é Pelé, Mané, Emersão ou um surfista com "prancha, parafina" e, de quebra, aquela "mina" (na gíria, prostituta, mas a palavra pode ser também compreendida como uma corruptela de menina). O intertexto que acompanha essas referências é o código esportivo. Pelé e Mané (Garrincha) respondem pelo futebol. E ele "se chama Pelé" e "se chama Mané". A marginalidade (espaço profano) e o esporte (espaço social sagrado) se condensam em imagens que permitem uma dupla leitura. Os versos "zanza na sargeta" e "fatura uma besteira", relativos ao espaço marginal, correspondem no código esportivo aos malabarismos de Mané Garrincha zanzando na área para faturar um gol, o ápice da consagração no campo. O menino de pernas tortas, vítima da desnutrição, modela-se em Mané Garrincha - as pernas tortas que a sociedade consagrou (pelo menos por algum tempo) - e em Pelé, menino preto e pobre, consagrado via esporte. Outro modelo é o campeão mundial de automobilismo, Emerson Fittipaldi, o "Emersão". E assim é que o poema lê o pivete arrombador de carros:

*Faz ligação direta/ Engata uma primeira/ Dobra a Carroca, olerê,/ Se manda prá Tijuca/ Na contramão/Dança pára-lama/ Já era pára-choque/ Agora ele se chama/Emersão,*

Não explicitamente nomeado, o outro modelo é tirado da juventude dourada das praias da zona sul do Rio de Janeiro: o surfista. Podemos nos perguntar: o que separa o pivete daqueles outros modelos senão as regras do jogo social? E é esta a questão que o texto nos propõe.

Interessante refletir um pouco sobre o nome. Este é na vida social, o elemento identificador, aquele que recorta o ser na massa anônima, lhe dá uma configuração, um lastro: o nome de família. Nossa personagem, ao longo do texto, varia de nome:

"se chama Pelê", "se chama Mané", "se chama Emersão", figuras que já fazem parte dos mitos da cultura brasileira e que, portanto, já se encontram, de certa forma, esvaziadas de seu valor pessoal para corresponderem a entidades abstratas, mitificadas. Ao final do texto, qual Severino que desiste de se identificar, ele se perde no anonimato e simplesmente "se chama pivete".

Incapaz de se conformar ao espaço social, que lhe é reservado, o pivete o transgride, agredindo a sociedade que lhe dita as regras. O simples fato de descer do morro para a cidade já é uma transgressão. Mas ele não fica só aí. Se, por um lado, o pivete serve aos outros - limpa pára-brisa, vende miudezas - ele se serve dos outros. Os instrumentos usados já não são a flanela, mas o canivete, a bereta. A propriedade alheia é invadida, já não limpa o pára-brisa, faz ligação direta e rouba. Ele agride fisicamente, agride economicamente, agride socialmente. Transgride. Concretiza-se a marginalização na ótica da ideologia dominante.

Ao questionamento, no espaço social, corresponde um questionamento no espaço literário, trazendo para o poema não só um tema até há pouco tempo indigno de tratamento artístico, como também uma linguagem rica em gírias o que representa uma ruptura com padrões lexicais mais ortodoxos: capricha na flanela, pinta na janela, batalha algum trocado, agita numa boca, descola uma mutuca, acorda pinel, sonha aquela mina, dança pára-lama, já era pára-choque. (grifos adicionados).

"Pivete" representa, dessa forma, quer do ponto de vista da temática, quer do da produção textual, um fecundo esforço de transgressão dos espaços que a sociedade determina e tenta a todo custo preservar.

Os modelos esportivos, compondo o quadro das expectativas de parcelas marginalizadas da sociedade, revelam uma contradição social: o esporte, de prática saudável, desejável para todos, não só é privilégio de poucos (são 22 a jogar e milhões a contemplar - já foi dito alhures) como passa a funcionar como fator de alienação. Assim, ao identificar o pivete com o jogador de futebol, com o ás do volante ou com o surfista, o texto revela/desvela um mecanismo inconsciente de reprodução dos valores da ideologia dominante, através de uma proposta de ascensão na pirâmide social. Aspirando a modelos inatingíveis, as pessoas tornam-se cada vez mais incapazes de contemplar-se e à sua própria indignação. É assim que em "Pivete", realidade e sonho conflitam. E, se ele "dorme gente fina", "acorda pinel". Transitando do morro para a cidade, alarga seu espaço e, sob pressão da própria sociedade, transfere esse alargamento para o plano psíquico, já que no social os controles são fortes e impiedosos. Suas reações são a agressão, o tóxico, a prostituição. A sociedade lhe fornece os modelos (Pelé, Mané, Emersão) e valores (mulheres, dinheiro, prestígio) a que almejar. A cidade "faz sua cabeça" fornecendo-lhe, através dos meios de comunicação de massa, modelos e aspirações inacessíveis, fomentando-lhe necessidades e desejos. Não lhe concede, entretanto, os meios para atingir tais metas. Ele tenta atingi-las por formas que não são socialmente aceitas: infringe normas, regras, leis. É punido, reprimido. A sociedade monta um aparato jurídico, policial e assistencial para "resolver o problema do menor abandonado". Atua sobre os efeitos, mas não vai às causas, o que seria atuar contra si mesma. Arma-se um círculo vicioso. É preciso que existam menores a serem assistidos para que possam existir instituições assistenciais. Essa circularidade também está presente no texto que analisamos. Ao terminar, remetendo ao ponto de partida, o poema

explicita e desvela o jogo de um sistema social que necessita dos problemas para se apresentar como seu solucionador, criando em torno de si uma aura de eficiência e interesse social, legitimando-se.

Por outro lado, o sinal fechado extrapola o código do trânsito, luz vermelha indicadora de direção proibida, e alarga-se aos limites da vida social. Fechado é o sinal para o pivete na sociedade. Ele opta então por outro percurso. O da contramão.

### Subnutrição, fome, verminose: as marcas do herói

Tomando novamente como referência a trajetória tradicionalmente configurada para o herói, veremos que, também no texto de Henry Corrêa de Araújo<sup>2</sup>, o pivete a perfaz pelo avesso.

Ele não é forte, nem bonito: "Pivete nasceu e cresceu miúdo. Era magrinho, continuou magrinho". Seus "importantes" pais não eram nobres, eram Chico Pedreiro, o presidente da Escola de Samba e dona Maria Lavadeira. Observemos que seu Chico era importante, não por ser pedreiro, mas por ser o presidente da escola de samba do morro, o que por si só já é um elemento significativo, em referência à posição que o trabalho (sobretudo o manual) e o samba ocupam na escala de valores de nossa sociedade. Ao primeiro, o anonimato, ao segundo, a projeção individual e, não raro, a alienação coletiva.

Como o de todo herói que se preza, o nascimento de Pivete é envolto numa atmosfera sacralizadora. Recebe visitas de vários amigos, presentes - "talco, alfinete, algodão, chupeta e até mesmo um balão colorido", e "uma batucada" na porta do barraco como homenagem. Mas o clima de sacralização conflita com outros tra-

ços da personagem que cresce moleque e é denominado "filho do capeta". Configura-se, assim, a ambigüidade de Pivete, que se acentua com a troca de espaço do morro para a cidade.

A personagem se transforma no bando, onde não há individualidade, todos são pivetes. Pivete não é mais Francisco Arrudas, ou Chiquinho capeta, é apenas Pivete, a metonímia do bando e de todos os menores abandonados que zanzam pela cidade. Se observarmos os outros elementos do bando, veremos que cada um deles contribui com uma parte no todo "menor abandonado". Cada um tem uma característica - apontada no nome - que, se de um lado marca um traço pessoal, de outro, é retalho a compor a figura do pivete: Paulão é "burro como um burro", mas é brigão e forte. Disparada, ao contrário, é medroso e fraco do pulmão. Pica-pau é tantã, muito engraçado e masca não chicletes, mas pedaços de tábua de caixote. Minhoca come terra, é muito alto, muito magro, muito pálido, surdo do ouvido esquerdo e tem uma cicatriz na perna direita. Pivete não tem uma marca especial, mas como ele é o símbolo de todos, tem todas as marcas dos outros: a subnutrição, a fome, a verminose. São todos malandros, "malandrinho e meio". Lutam pela sobrevivência, burlam e são burlados. Seres deslocados das regras formais da estrutura social excluídos do mercado de trabalho, vivem de acordo com as circunstâncias, procurando tirar proveito da situação. Desafiam a autoridade, mas não têm consciência da estrutura social e nem a questionam.

Vêm-se como heróis que fogem às regras sociais, em oposição ao Luizão, por exemplo, que trabalha e vai à escola e, por isso, é chamado de Maricas. Eles roubam, desrespeitam a propriedade privada, desafiam a polícia: "Pivete deu uma banana para o guarda e saiu correndo: "- já vou... já vou... vou lá no hospital ver se a mamãe afogou". Todo o seu ódio é lançado contra

os policiais e, burlando-os, eles se sentem fortes e poderosos. Não têm consciência de serem vítimas da violência social, a não ser em suas manifestações palpáveis como a surra do policial ou o fogo ateado nos mendigos dormindo. E, mesmo em sua aparente recusa em integrar as instituições sociais - a família, a escola, o trabalho - reproduzem os valores da ideologia dominante e se crêem livres para viver sua vida. "Passarinho fora da gaiola não come alpiste, mas voa alto". Tal fala justifica a fome e até a aceita em nome de uma aparente liberdade. Para eles, a gaiola é a cadeia, em nenhum momento pensam no sistema social, que os fabrica, como uma grande gaiola, onde eles fogem, se escondem, burlam e são burlados. É o chamado espaço da ilegalidade permitida, como o denomina Foucault<sup>3</sup>.

Atirar formigas nas roseiras da madame, andar de barco sem pagar, pôr a língua para alguém, desafiar os guardas, são atos que funcionam como catarse, pois assim, se julgam mais fortes que a sociedade, quando, na realidade, não passam de vítimas sacrificáveis<sup>4</sup>, aqueles que podem e devem ser sacrificados para a sociedade se manter firme em suas bases. Observemos que, na cena final, quando ironicamente, Disparada é preso, todos querem chutá-lo e uma velha, voz do senso-comum, grita: "Bate nesse moleque. Eles vivem assaltando a gente, Bate nele...".

Na sua trajetória de herói, Pivete se desindividualiza, fundindo-se ao grupo de que faz parte, e é focado como a vítima da sociedade.

Também a força do destino, constante na vida dos heróis trágicos, está presente na vida de Pivete. "Foi Deus quem pôs no mundo, quando quiser tira..." A fala de D. Maria, a mãe do pivete, é também a fala da ideologia dominante: há pobres

e ricos porque Deus quer assim. Deus é visto como responsável pela desnutrição, pela mortalidade infantil, pelo problema da fome e da habitação: "Estão querendo derrubar os barracos do morro do Pindura Saia para fazer bairro de gente rica. Só Deus sabe onde vão morar. No morro estavam mais perto do céu..."

A figura de Deus ou do destino camufla a responsabilidade das forças sociais. O destino de Pivete é traçado quando ele nasce na favela, passa fome, não vai à escola, logo não é Deus ou forças sobrenaturais que o determinam, mas outras forças bem terrestres, sócio-econômicas e políticas.

A escola de Pivete é a rua. o professor, Chico-Manco que é especialista em trombadinha. Brinquedos, só no dia-da-criança, de graça no Parque Municipal, com algodão doce e pipoca. Mas o ano tem 365 dias e não, apenas o dia 12 de outubro, por isso o dia passou como os "bãlões que não duraram nada". A alegria se esvaiu como o ar do bãlão.

Quando o Sacristão, ao falar que estavam pondo fogo nos mendigos, diz: "- vocês deviam rezar, o capeta está morando aqui..." Paulão consegue perceber que há algo mais concreto que o capeta, mas a sua personificação é a polícia. Aqui, fantoches que são, os meninos não têm condição de perceber que também a polícia é manejada por cordéis ocultos, produzidos por uma estrutura sócio-econômica.

Roubando, pedindo esmolas ou trabalhando como camelô, o pivete incomoda a sociedade. Ele é uma ameaça ao sistema e, por isso, este o controla, fazendo-o supor-se livre. pois assim controla a marginalidade e se sustenta.

Variando entre a liberdade vigiada, ilusoriamente concedida, e a punição ou prisão ostensivamente exercidas, a sociedade diversifica seus controles. Isso nos é mostrado pelo filme Pixote de Hector Babenco, de que fazemos uma breve análise, ressaltando a trajetória do menor em sua transição de infrator a delinqüente. De pequenos roubos, trombadinhas, ele evolui para assaltos à mão armada; a cola de sapateiro cheirada no banheiro o transporta para o mundo dos tóxicos, envolvendo-o na rede dos traficantes.

A delinqüência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes. A delinqüência funciona como um meio de vigilância perpétua da população, é através dela que se pode controlar todo o campo social. Essa vigilância age conjugada com a prisão, instituição que, ao colocar os infratores em contato uns com os outros, multiplica as denúncias mútuas e, conseqüentemente, reforça o controle e a repressão.<sup>5</sup> A prisão, como lembra Frei Betto<sup>6</sup>, antes que agente recuperador, funciona como curso de pós-graduação, fomentando revoltas, realimentando a criminalidade.

Pixote é uma criança como as outras, só que esfomeada e carente de afetos. Um fraco que se faz forte para camuflar sua insegurança, sua necessidade de carinho, sua busca do seio materno e de tudo o que ele significa. Enquanto nossos filhos sonham ser doutores ou comerciantes "honrados", Pixote e seus amigos sonham com o domínio da arma de fogo, com a capacidade de atirar bem para acertar o alvo, com a carreira de assaltantes.

No filme, os limites entre a lei e a delinqüência desaparecem. Os policiais são agentes da violência sob a capa de

agentes da segurança: espancam, aliciam, julgam arbitrariamente, assassinam, e transferem a responsabilidade para aqueles que não têm defesa, as vítimas sacrificáveis.

Pixote já não é o pivete que rouba salsicha e se esconde na concha acústica do Parque Municipal, ele assalta, envolve-se com prostitutas - outro elemento da chamada ilegalidade permitida, outra vítima da sociedade, cujo produto a ser vendido é o próprio corpo - e com traficantes e viciados.

O jogo espacial, no filme, se torna mais complexo. Delimita-se o espaço da prisão, como uma ruptura com o espaço da cidade. Em seguida percebem-se as linhas que estabelecem uma ligação entre esses dois espaços aparentemente opostos. O menor é parte deste segmento social que transita nos dois espaços, como antes transitava entre o morro e a cidade. Só que as marcas se intensificam, as diferenças se acentuam tornando a cicatriz indelével. Seus modelos não são mais os heróis que a sociedade consagra e sim os anti-heróis que ela quer eliminar: os bandidos, os assaltantes. O filme deixa claro o envolvimento de outras camadas da população com o tráfico de drogas, com a corrupção; o menor é uma parcela ínfima de uma engrenagem poderosa que liga prisão e cidade, polícia e marginal, cidadãos "honestos" e prostitutas. Mas esse pequeno elo desempenha sua função de maneira eficaz, sem mesmo ter consciência disso.

A opressão espacial se dilui e se desloca trazendo libertação no plano psíquico. No sonho, no devaneio ou sob o efeito da cola de sapateiro, o menor se despe de todas as convenções e pressões sociais como se despe de sua roupa. A libertação através do sonho ou a fuga da prisão são formas que o menor busca para sobreviver nessa sociedade que o criou e o marginaliza. Herói no

# Pixotes. Em exibição em todas as ruas, praças e avenidas desta cidade.



Antes que mais pixotes entrem em cartaz nas esquinas da cidade para pedir, esmolar, roubar, agredir e matar ligue para a COBES - Coordenadoria de Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo (549-0233 ou 549-0208) e pergunte o que a sua empresa precisa fazer para montar uma creche. Se você e outros empresários não fizerem isso a história dos pixotes pode ter um final ainda mais triste que a do pixote dos cinemas.

texto: Antes que mais pixotes entrem em cartaz nas esquinas da cidade para pedir, esmolar, roubar, agredir e matar ligue para a COBES - Coordenadoria de Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo (549-0233 ou 549-0208) e pergunte o que a sua empresa precisa fazer para montar uma creche. Se você e outros empresários não fizerem isso a história dos pixotes pode ter um final ainda mais triste que a do pixote dos cinemas.

plano da representação fílmica, vítima no plano da representação social, ele segue seu caminho que já está traçado pela sociedade e, diferentemente, das soluções mágicas das telenovelas, não é adotado por uma família rica, permanece só e bastardo, já que é fruto da rejeição familiar e social.

O caminhar aparentemente sem rumo do fim do filme poderia significar promessa de liberdade e de um futuro promissor, mas ele é feito sobre trilhos, o caminho mais rigidamente traçado pelo homem.

### Um estranho produto à venda

Podemos nos perguntar, entretanto: a sociedade rejeita sempre? Que tipo de relação ela tem com estes indivíduos? Que medidas toma para minorar-lhe a existência ou para impedir tal situação?

Os textos que analisamos até agora são produtos individuais de criadores que, sensibilizados pelo problema do menor, fazem dele objeto de sua arte, permitindo ao receptor um tipo de ação voltada sobretudo para a reflexão crítica. São textos que, em vez de nos apaziguarem a alma, nos incomodam, deixam um sabor amargo na boca. Levam-nos a olhar de frente aquilo que talvez preferíssemos ignorar ou esquecer; não nos apontam propriamente uma direção a seguir o que nos deixa mais angustiados ainda.

Diferente objetivo têm as mensagens que analisaremos a seguir. São anúncios que vendem um produto bem diferente: menor desassistido. Os anunciantes são duas instituições sociais. Uma, particular: o Fundo Cristão para crianças; outra, pública: a Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura de São Paulo.

O primeiro deles, a partir do próprio nome da instituição que o assina, estrutura-se em torno do código religioso. O título, em tom de prece, lança a base emocional em que se traduz o apelo: "Meu Deus, continue abrindo os olhos das pessoas para cenas como esta". A cena a que se refere está contida na ilustração, um reforço ao apelo emocional: uma criança negra, entre seus 8 e 12 anos, coberta de jornais, dorme junto a uma porta de garagem ou loja, um berço nada esplêndido. A mão esquerda estendida sugere pedido de esmola ou outro tipo de ajuda. O texto explicita o que a ilustração sugere: "criança de favela", "pais que ganham o suficiente para não morrer de fome" (situação agravada, nos dias atuais, pelo desemprego - o anúncio é de junho de 82), mal vestida, mal alimentada, sem condições de estudar, sem futuro a não ser provavelmente a miséria e até mesmo a marginalidade. Observe-se ainda que é uma criança bem diferente das que normalmente povoam os anúncios de bens de consumo: preta, mal vestida, enquanto as outras são geralmente louras, viçosas, alegres, bem vestidas.

É uma cena que incomoda e mobiliza o sentimento de solidariedade. E o texto garante que muitos já se sensibilizaram com o quadro.

*Graças a Deus, milhares de pessoas abriram os olhos e viram que é possível modificar a vida de uma criança que vive na miséria e dar um futuro feliz a ela.*

Esse grupo exemplar é uma das bases sobre as quais se assenta a força persuasiva do anúncio: "tudo que você tem a fazer é se tornar padrinho de uma criança e dar a ela uma ajuda de 1.500 cruzeiros por mês."

A função do padrinho, na igreja, e na sociedade é ocupar o lugar do pai. No anúncio, o padrinho se relaciona com o pai e com Deus, o pai de todos. Trata-se entretanto, de uma adoção simbólica, livre de compromissos afetivos (só se você quiser você conhece a criança ou troca cartas com ela) e legais seja com a afilhada e sua família, seja com a organização.

Todo anúncio encerra em si uma promessa de benefício, algo que decorre do fato de se atender ao seu comando: seja através do consumo de um bem ou serviço, da assimilação de uma imagem de marca ou de uma ação filantrópica como a proposta pelo anúncio em questão. Neste caso, o benefício se funda sobretudo numa reivindicação transcendental: a recompensa divina.

*Só tem que abrir os olhos para uma verdade que está na Bíblia: tudo que você fizer por uma criança é como se estivesse fazendo por Ele.*

A apropriação do texto religioso é um dos mecanismos retóricos usados para persuadir o receptor. É importante observar que, retirando a citação bíblica de seu contexto, o anúncio opera uma fragmentação que redundará na proposta de uma nova relação texto/leitor, geradora de outro sentido que muitas vezes nada tem a ver com o anterior. A mensagem de Cristo promete o reino do céu. Mas outras vantagens vêm por acréscimo: a consciência apaziguada sem maiores envolvimento legais ou afetivos e o desconto no imposto de renda (cupom no canto inferior direito), ou seja, a fusão da recompensa espiritual com a material.

O anúncio mantém com a realidade relações parciais, incongruentes. Não raro ilumina apenas uma parte do assunto de que trata, tomando a parte pelo todo, a consequência pela causa. O resultado é uma concepção falsa e invertida dos fatos. Ilusória, portanto.

No anúncio de que nos ocupamos, isso se evidencia pelo fato de se atuar sobre as conseqüências: (crianças desprotegidas, relegadas à miséria e à marginalidade) sem se questionar as causas (por que existem essas crianças? Por que há "pais que ganham apenas o suficiente para não morrer de fome"? Observa-se um deslocamento no tempo. Volta-se para o futuro, para as conseqüências - o texto diz literalmente crianças "sem futuro", "o que espera uma criança como essa", "dar um futuro feliz a ela"; e esquece-se do presente, das causas do problema. O texto diz que a miséria e a marginalidade esperam "uma criança como esta". Porque o verbo esperar? Por que falar em adivinhar? É preciso maior miséria que uma criança que dorme na rua, coberta de jornais?

É importante dizer que a leitura crítica de uma mensagem como esta, não visa à invalidação de iniciativas como a da instituição que assina o anúncio. Não se pode, entretanto, aceitar que outros aspectos de maior relevância sejam escamoteados, criando a impressão de que assim se resolverá o problema do menor abandonado. O simples confronto de números reforça o que dizemos. O texto fala que a entidade "em 15 anos de existência, pôde ajudar a mais de 55 mil crianças". A desproporção é enorme. Dados recentes apontam 2,5 milhões de crianças abandonadas em São Paulo, 2 milhões no Rio de Janeiro e 800 mil em Minas Gerais. Quanto ao "futuro" de miséria e marginalidade, também os números contrapõem a cifra do presente: 80% dos presos da Casa de Detenção (SP) são ex-menores abandonados.<sup>7</sup>

Delega-se à iniciativa privada, com leve aceno à recompensa eterna, a solução de um problema cuja origem está na própria estrutura social. Essa realidade é ocultada por mensagens mesmo bem intencionadas como a que analisamos. Algo transcende ao restrito raio de ação de grupos particulares e é preciso abrir ainda mais os olhos - quem tiver olhos que veja...

Mais recente, o segundo anúncio foi criado a partir do filme Pixote e dirige-se aos empresários, oferecendo-lhes informações sobre a instalação de creches em suas empresas.

# Meu Deus, continue abrindo os olhos das pessoas para cenas como esta.



de incômodo, uma criança de favela, com pais que ganham apenas o suficiente para não morrer de fome.

Mal vestida, mal alimentada, sem condições de estudar, sem futuro.

Não é difícil adivinhar o que espera uma criança como esta: miséria e até marginalidade.

Graças a Deus, milhares de pessoas abriram os olhos e viram que é possível modificar a vida de uma criança que vive na miséria e dar um futuro feliz para ela.

Foi com o apoio dessas pessoas que o Fundo Cristão Para Crianças pôde realizar seu trabalho. E, em 15 anos de

de 55 mil crianças.

É tão simples: tudo que você tem a fazer é se tornar padrinho de uma criança e dar a ela uma ajuda de 1.500 cruzeiros por mês.

Este dinheiro, que para você significa tão pouco, para ela significa colégio, livros, uma alimentação decente e todo o amparo necessário.

Depois de enviar o cupom, nós mandamos para você um histórico com toda a vida dela.

Você pode conhecê-la pessoalmente (ela não será separada da família), ou pode trocar correspondência com ela.

Para se tornar padrinho, você não tem que assumir nenhum compromisso legal com a nossa organização ou com a criança.

uma verdade que esta na Bíblia: tudo que você fizer por uma criança, é como se estivesse fazendo por Ele.



**Fundo Cristão Para Crianças**  
Rua Curitiba, 899 - 1.º andar - Belo Horizonte, MG - Fone: (31) 40951. Caixa Postal 102.  
Uma criança  Diferentemente   
Precisa estar desobediente  Precisa estar com fome   
Precisa estar com medo  Precisa estar com dor   
Precisa estar com frio  Precisa estar com calor   
Precisa estar com tristeza  Precisa estar com alegria

Quero ser padrinho de: Um menino   
Quero saber mais informações   
Acompanhar o desenvolvimento da criança

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Cidade: \_\_\_\_\_  
CEP: \_\_\_\_\_

Grande,

Ao tom de prece do título do primeiro anúncio contrapõe-se a assertividade agressiva do segundo. Na primeira linha, seguida de ponto final, somente a palavra "PIXOTES", termo que, por si só, já aciona os mecanismos de alarme do receptor, associando-se de imediato ao filme de igual título em evidência por ocasião de sua circulação. O anúncio se nutre da notoriedade do filme em função de sua temática violenta, de seus problemas com a censura e do prêmio de Melhor Atriz do Ano atribuído a Marília Pera pela crítica americana. Nutre-se também do drama humano que ela encerra.

Do filme, o anúncio toma expressões próprias ao código cinematográfico como "em exibição", "em cartaz", além da personagem principal - o Pixote - para a ilustração que mostra, numa foto em preto e branco, um grupo de garotos maltrapilhos de tamanhos e idades diversas (provavelmente entre 8 e 14 anos,) brancos, mulatos e pretos. De frente ou de perfil, todos olham fixamente o receptor da mensagem. Seus olhares e sua figura são ameaçadores. No primeiro plano, está Pixote, vestido com uma malha muito grande para seu tamanho, olhando desafiadoramente de cima para baixo e segurando uma bola sob o braço esquerdo. Todos esses elementos são conotadores de um determinado segmento da população brasileira que, como o próprio título do anúncio diz, está "em exibição em todas as ruas, praças e avenidas desta cidade". Embora pertença ao código cinematográfico, o termo "exibição" se aplica melhor a objetos e animais que a pes-

soas. O shifter "desta", na medida em que define seu sentido a partir da situação dos falantes, dá à expressão uma abrangência muito grande. Esta cidade é toda e qualquer cidade onde a mensagem for recebida.

"Ruas", "praças" e "avenidas" configuram o mesmo espaço físico de atuação dos menores que vimos nos textos anteriores. Ao contrário das outras crianças que têm no lar e na escola seu abrigo - espaços fechados, circunscritos, protegidos e mais adequados à etapa de vida que vivem - aquelas outras têm, na rua, seu habitat natural.

Através de expressões como "Antes que mais pixotes entrem em cartaz" ou "se você e os outros empresários não fizerem isso..."(grifos adicionados), o texto desenvolve o apelo emocional e reforça a ameaça contida no título e na ilustração.

Contra que ou quem estes pixotes atentam? Os verbos usados (pedir esmola, roubar, agredir e matar) são semântica ou sintaticamente transitivos. Todos eles têm como traço comum a idéia de invasão do espaço alheio e implicam uma ação a ser sofrida por alguém: as outras pessoas. Eles atentam contra a segurança pessoal, a propriedade privada e as instituições sociais. A ilustração funciona como prova de ser verdade o que o texto diz.

Como evitar situação tão ameaçadora? Despertada a ansiedade e insegurança dos receptores (explicitamente os empresários, mas também qualquer pessoa que por ventura leia o anúncio), acionados conteúdos emocionais ligados à própria situação

por que passa a sociedade brasileira nos dias atuais, vem a promessa de saída sob a forma imperativa: "ligue", "pergunte". A solução: creches nas empresas.

Os recursos retóricos utilizados visam a persuadir os donos de empresas, tentando atuar sobre sua sensibilidade e seus medos, apelando para sua emoção. Às suas premissas básicas subjazem outras, como por exemplo: Se você se entristeceu (ou assustou) com o filme Pixote, ou com a situação do menor abandonado, faça alguma coisa para evitar esse problema: construa uma creche e tudo se resolverá.

Foi preciso apelar para a representação teatral para que se efetuasse a solidariedade com o problema do menor. Assim recortado da realidade, o problema nos envolve, mas a emoção mediada pela representação se resolve em si mesma, não remete a uma ação transformadora. A história não "pode ser mais triste". Ela, entretanto, é mais triste por não ser a história de um ou de cinco, mas de milhares.

Observemos que, dormindo indefesa e inconscientemente ou encarando desafiadoramente as pessoas, o menor abandonado, ao estender a mão pedindo proteção ou apontando a arma, ameaça a sociedade. É preciso, pois, buscar soluções, e é o que os anúncios sugerem: a adoção simbólica ou as creches. Mais uma vez a ênfase é dada às conseqüências e não atua sobre as causas.

### O espaço terminal

Acompanhando a trajetória do menor abandonado, podemos observar que não é somente ruas, praças e avenidas o espaço ocupado por este ser marginal. Ele ocupa também, em nossos dias, espaço na produção simbólica de outros segmentos sociais.

Através dos textos analisados, procuramos mostrar que o sentido dessas mensagens não é previamente estabelecido, constrói-se a partir do relacionamento entre diferentes discursos mediados pelo papel catalisador do leitor. Verifica-se um processo de interação e diálogo responsável pelo surgimento de um novo espaço discursivo que, relendo os textos anteriores, permite o estabelecimento de novas relações, novas leituras.

O diálogo se estabelece, em primeiro plano, entre o que se poderia, grosso modo, chamar discurso ideológico dominante e discurso ideológico dominado. Cada um tem suas próprias representações, configura seu próprio espaço. Mas seus limites não são necessariamente e rigidamente demarcados. Às vezes é o dominado que invade o espaço do dominante satirizando, ironizando, desvelando. Outras vezes dá-se o contrário; o dominante vai buscar no dominado a sua matriz textual, operando inversões camufladoras, apropriando-se de seu universo retórico e ideológico e produzindo um efeito aparentemente inovador e revolucionário.

Em "Pivete" de Chico e Hime, a fala do dominante é representada pelas citações relativas ao discurso esportivo pelos modelos oferecidos à coletividade. Absorvendo-os e identificando-os às suas expectativas, mas ocupando na pirâmide social o patamar inferior, o pivete se constitui de retalhos de pessoas/personagens de grande prestígio social. A produção de sentido se dá como resultado de circulação em duas séries: a dominante, com seus modelos e heróis e a dominada, com suas gírias e transgressões. A resultante, um terceiro termo, síntese dos primeiros, é uma figura desconexa, desconhecida e por isso mesmo, estranha. A junção num mesmo contexto de Pelé e pivete, Emer-são e trombadinha, deslocando e misturando sagrado e profano,

gera no leitor um efeito de choque, um estranhamento gerador de um distanciamento crítico. Desvelam-se, assim, as contradições sociais, mostrando o herói-pivete como instância paradoxal na medida em que, introjetando os padrões propostos, ele contribui para manter a mesma estrutura de que é vítima e que o marginaliza. O texto é, pois, construído como um espelho quebrado que reflete as relações sociais devolvendo fragmentariamente à sociedade aquilo que ela costuma ver como superfície plana, sem costuras e remendos.

Da mesma forma que, em "Pivete" de Hime e Buarque, transgride-se, quer na temática, quer na construção, o espaço tradicionalmente determinado para o texto literário, Pivete de Henry Correa de Araújo transgride o espaço tradicionalmente determinado para a literatura infantil sobretudo no que se refere à temática: a ousadia de se levar para o texto destinado às crianças domésticas a realidade da criança marginal. Sem fadas nem finais felizes. Para sempre.<sup>8</sup>

Opera-se, então, o questionamento do senso comum, estabelecendo nas rígidas margens da vida social uma terceira margem que abre possibilidade de novos enfoques do problema, explicitando contradições imaginariamente resolvidas. Espelho quebrado, a não refletir fielmente a imagem, ou a terceira imagem do rio, também o texto fílmico recorta, na realidade, pessoas, fatos e situações, permitindo a leitura do que não se dá a perceber na superfície. Aí a transgressão dos espaços sociais se opera através da revelação do lado duplo, bandido, quer dos policiais, quer da própria lei.

A leitura do mundo operada por esses textos e o sentido que lhes é subjacente é, antes de lugar de conformismo e de produ-

ção de ideologia responsável pela manutenção da estrutura social, a possibilidade de desordem e de desequilíbrio dos lugares sociais. Já o anúncio, espaço preferencial do discurso dominante que pode, entre outras coisas, enfrentar os altos custos da veiculação dos meios de comunicação de massa, se caracteriza por um peculiar processo de produção de sentido.

Trata-se de um recurso parodístico que inverte os textos de que se nutre. Apropriando-se, quer do discurso fílmico, quer do dos trabalhadores reinvidicando creches, o discurso publicitário esvazia-os diluindo seu poder de denúncia. Ao trazer para seu cenário, o menor abandonado, ele parece encampar suas reivindicações e empenhar-se na efetiva solução do problema.

Retomando a metáfora do espelho, observa-se que a relação se inverte: recolhem-se os fragmentos de outros discursos e monta-se o quebra-cabeça para oferecer ao leitor/espectador a margem recomposta em sua superfície lisa e plana: contradições escamoteadas, reinvidicações neutralizadas, ameaças sufocadas. Reina paz no aparecer social.

Observemos, pois, que, seja qual for a natureza do texto, há sempre um processo de interação e diálogo entre autor-leitor-texto-contexto. Mesmo enquanto produtor, o autor é também leitor. Ele é aquele que lê uma determinada realidade e, ao traduzi-la em sua obra, oferece-a a novos leitores: estes, por sua vez, ao estabelecerem novas relações, geradoras de sentido, transformam-se também em autores, num processo infinito de semiosis. A mediação é, pois, um elemento constante nesse processo sempre intertextual. Cumpre observar, portanto, que, embora tenhamos falado de espaço do discurso dominado, em nenhum momento tem-se a sua própria fala. Há sempre alguém a falar por ele, seja apropriando-se de suas reinvidicações, seja tentando resgatar sua própria voz.

NOTAS

HOLLANDA, Francisco Buarque de. Chico Buarque. Disco: EMI

Odeon, e. 12 pol. estéreo.

PIVETE

(Francis Hime - Chico Buarque)

No sinal fechado  
Ele vende chiclete  
Capricha na flanela  
E se chama Pelê  
Pinta na janela  
Batalha algum trocado  
Aponta um canivete  
E até  
Dobra a Carioca, olerê  
Desce a Frei Caneca, olará  
Se manda pra Tijuca  
Sobe o Borel  
Meio se maloca  
Agita numa boca  
Desloca uma mutuca  
E um papel  
Sonha aquela mina, olerê  
Prancha, paraquina, olará  
Dorme gente fina  
Acorda pinel  
Zanza na sarjeta  
Fatura uma besteira  
E tem as pernas tortas  
E se chama Mané  
Arromba uma porta  
Faz ligação direta  
Engata uma primeira  
E até  
Dobra a Carioca, olerê  
Desce a Frei Caneca, olará  
Se manda pra Tijuca  
Na contramão  
Dança para-lama  
Já era para-choque  
Agora ele se chama  
Emersão  
Sobe no passeio, olerê  
Pega no Recreio, olará  
Não se liga em freio  
Nem direção  
No sinal fechado  
Ele transa chiclete  
E se chama pivete  
E pinta na janela  
Capricha na flanela  
Desloca uma bereta  
Batalha na sarjeta  
E tem as pernas tortas

- ARAÚJO, M. Correa de. Pivete. Belo Horizonte, Comunicação, 1977.
2. ARAÚJO, M. Correa. Op. cit. Todas as demais citações referem-se a esta edição.
  3. FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir; História da violência nas prisões. Trad. Lígia M. P. Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1977.
  4. GIRARD, René. La violence et le sacré. Paris, Bernard Grasset, 1972. p. 21.
  5. Idem, ibidem. p. 246-247.
  6. BETTO, Frei. Cartas da prisão. Rio, Civilização Brasileira, 1981
  7. Dados apresentados no programa Fantástico na Rede Globo de Televisão, em 26/06/83.
  8. Pivete é o 4º volume da Coleção do Pinto editada pela Ed. Comunicação de Belo Horizonte. O traço dominante desses textos é a abordagem de temas mais ligados à vida moderna e que se relacionam à corrente realista da literatura infantil.